

O voo teatral da “cotovia”

Maria Helena Serôdio

>
Madame,
 de Maria Velho da Costa,
 enc. Ricardo Pais,
 Teatro Nacional S. João
 / Teatro Nacional
 D. Maria II, 2000
 (Eva Wilma),
 fot. João Tuna.



Afirmava o júri na sua nota para a imprensa que a Menção Especial da APCT atribuída aos Livros Cotovia se justificava pelo facto de a editora, exercendo a sua actuação em matérias, intenções, parcerias e formatos muito diversos, vir contribuindo de forma superlativa para a criação de um repertório de teatro em Portugal, quer editando originais portugueses, quer promovendo ou apoiando traduções de importantes textos da dramaturgia mundial.

Configura esta sua prática uma visão de estimulante abertura não apenas a uma escrita em que poucas editoras gostam de arriscar, mas também à realidade viva da criação teatral ao fazer convergir muitas vezes a publicação dos volumes com a subida à cena das peças, sejam elas de portugueses ou de autores estrangeiros traduzidos.

Reconhecendo embora a evidência de que o espectáculo não se resume ao texto escrito, a Associação Portuguesa de Críticos de Teatro não poderia deixar de destacar a relevância da produção escrita para o palco,

ao mesmo tempo que reconhece que as palavras escritas para a cena não se esgotam numa leitura do “literário”, antes obrigam a uma atenção multidisciplinar em função da materialização possível dessa textualidade. Dai precisamente a importância de sublinhar a convergência produtiva – para espectadores e leitores – da simultaneidade do aparecimento do texto nestas duas “plataformas” de realização material.

Cabem neste importante acervo dramático da Cotovia autores estrangeiros tão diversos como William Shakespeare e Pier Paolo Pasolini, Eduardo de Filippo e Rainer Werner Fassbinder, Federico Garcia Lorca e Heiner Müller, Luigi Pirandello e T. S. Eliot, Sófocles e Samuel Beckett, entre vários outros, antigos e modernos, que facilmente encontrarão registados no portal da editora¹. Contam-se entre algumas destas publicações quer traduções realizadas há algum tempo, como a belíssima versão de Jorge de Sena para *Jornada para a noite*, de

¹ Seria importante que, para além da citação do autor e do título, em todos os casos pudesse ser visionado o nome do tradutor e a data da edição, para além de algumas palavras de apresentação, o que, ocorrendo em vários casos, não é ainda extensivo a todos os livros referenciados.



< >

*O fim ou**Tende misericórdia de nós,*

texto e enc. Jorge

Silva Melo,

Artistas Unidos, 1996

(Ivo Canelas,

Manuel Wiborg,

Paulo Claro,

António Simão

e João Meireles;

> Joana Bácia],

fot. Susana Paiva.

Eugene O'Neill, feita a convite de António Pedro em 1957, quer as que recentemente surgiram como etapa primeira da montagem de um espectáculo, como foi, por exemplo, o caso de *Cimbelino* ou *Júlio César*, de Shakespeare, pelo Teatro da Cornucópia, a que a "parceria" José Manuel Mendes, Luís Lima Barreto e Luís Miguel Cintra – com competência e fina sensibilidade – reescreveu em português.

Sabemos que não será fácil a uma editora ser tão sistemática nas suas publicações como se desejaria, indo mais longe, por exemplo, na edição de mais obras de autores estrangeiros entretanto traduzidos (e encenados em Portugal), ficando, por essa razão, alguns desses trabalhos feitos fora do alcance de quem os quisesse conhecer ou levar à cena. Claro que nem sequer estou a falar do universo geral das traduções para teatro: bastaria que os autores incluídos na lista pudessem ver a sua obra "completa" para teatro – em termos do que é já disponível e subiu à cena em palcos portugueses – reunida nessa mesma colecção.

Todavia, num caso muito particular essa sistematicidade é uma realidade evidente e alcança uma excepcional importância dramática, teatral e cultural no seu mais amplo sentido: trata-se da edição das obras completas de Bertolt Brecht – *Teatro de Brecht* – que vai já no seu 4.º volume (de um previsível conjunto de 8), uma aventura editorial que é, de facto, impar pelo cuidado posto na sua preparação, pela conjugação de esforços entre os vários tradutores, e também (*last but not least*) pelas excelentes introduções a cargo da especialista brechtiana Vera San Payo de Lemos (Cf. Justo 2005).

Muitos outros dramaturgos, mais próximos no tempo e de variada progénie geográfica e cultural, têm vindo a ser dados à estampa por iniciativa da companhia dos Artistas Unidos em colaboração com os Livros Cotovia, quer integrando os seus textos traduzidos na revista *Artistas Unidos* (como foi o caso, entre outros, dos irlandeses Mark O'Rowe e Enda Walsh, ou os escoceses

>
Antes que a noite venha,
 de Eduarda Dionísio,
 enc. Adriano Luz,
 co-produção
 Adriano Luz / Teatro da
 Cornucópia, 1992
 (Luísa Cruz, Rita Blanco
 e MariaJoão Luís),
 fot. Rui Mateus.



David Harrower, David Creig ou Anthony Neilson), quer através da colecção "Livrinhos de teatro", interessantíssima na concepção (formato e grafismo), nas opções editoriais (autores e textos, bem como formas de apresentação de ambos) e, por último, no dinamismo da sua continuada saída a lume. Seria, todavia, de desejar que alguns dos textos, cuja tradução saiu já em números diversos da revista, pudessem vir a integrar a colecção dos livrinhos, pela oportunidade de convergência de formato, maior acessibilidade na aquisição e maior comodidade de arrumação nas estantes.

É também num contexto de conjugação de esforços, que a Cotovia partilhou com o Dramat do Porto (organismo que integrava a actuação do Teatro Nacional São João, do Porto), que se procedeu à publicação de materiais diversos e de valor indiscutível. Foi o caso, por exemplo, de peças originais de portugueses que, na sua maioria, se estreavam na dramaturgia, como fez em 2001 com os dois volumes de *Dramaturgias emergentes* (respectivamente os n.ºs 5 e 6 dos Cadernos Dramat). Cada um dos volumes integra cinco peças de autores diferentes, contando-se entre eles Pedro Eiras, João Tuna, Jorge Loureiro Figueira, Carlos Alberto Machado, Joaquim Paulo Nogueira e Helena Miranda, entre outros.

Por outro lado, e dando outra visibilidade à actuação do Dramat, foram também editados volumes com trabalhos de tradução que serviram espectáculos entretanto encenados, mas que ganhavam um maior relevo e importância por reunirem peças de um mesmo autor, geralmente servidas por introduções de grande interesse informativo e analítico, permitindo uma mais profunda aproximação à escrita do autor: refiro-me aos casos do irlandês Brian Friel (quatro peças traduzidas e excepcionalmente bem prefaciadas por Paulo Eduardo Carvalho), do alemão Peter Handke (traduzidas e analisadas por João Barrento), para além do que foram os volumes com peças de Frank Wedekind (trabalhadas por Aires Graça) e Marius von Mayenburg (por Vera San Payo de

Lemos, este sem introdução, infelizmente).

Duas outras apostas institucionais têm podido também contar com a parceria dos Livros Cotovia: quer a iniciativa PANOS, da Culturgest², dirigida a um público jovem escolar, quer a a ideia de Urgências que o Teatro Maria Matos, sob a direcção de Diogo Infante, lançou como desafio a jovens dramaturgos.

Mas é talvez na sua própria colecção de teatro³ que valeria a pena perceber até que ponto se afirma por esta editora uma forma de pensar, imaginar, escrever e publicar para teatro no Portugal mais recente. É certo que surgem também textos de um autor bem conhecido e consagrado pelo seu muito específico entendimento do teatro, como é o caso de Vicente Sanches, que foi publicando as suas peças ao longo das últimas décadas em edições de autor, mas que, apesar disso, não deixou de ser bem conhecido da classe teatral e várias vezes levado à cena em realizações teatrais de grande interesse: recorde, por exemplo, a divertida recriação teatral de *A birra do morto* por Mário Viegas no São Luiz em 1991, acrescentando ao texto de Sanches poemas ultra-românticos como o "Noivado do sepulcro" de Soares de Passos, e animando o espectáculo com uma inventiva ebulição cômica.

Mas essa colecção da Cotovia primou sobretudo pela revelação de uma nova dramaturgia que se apresentou numa multiplicidade de registos e de tons, por autores de várias idades e de diferentes trajectos literários e artísticos, que, em geral e com pouquíssimas excepções, conheceram a sua realização cénica. E nisso configura – e não é demais sublinhá-lo – uma importante prática editorial de acompanhamento do que nas artes performativas vai tendo outras formas de materialização.

Não sendo aqui possível – e menos ainda sério – proceder a uma avaliação sumária dessa já extensa lista de textos publicados, destacaria, contudo, algumas lógicas editoriais que passam, necessariamente, por uma diversificação de autores a que, de algum modo, a editora parece querer fidelizar-se, o que, apesar de tudo, nem

² V. texto de João Carneiro nesta revista, pp. 18 e 19.

³ Alguns destes volumes – logo no início do seu lançamento – saíram numa parceria com o Teatro Nacional D. Maria II, em resposta a um desafio lançado por Ricardo Pais, na altura (1989-90), director daquele Teatro Nacional.



<
*Além as estrelas são a
 nossa casa*,
 de Abel Neves,
 enc. José Russo,
 Cendrev, 2007
 (Ana Meira
 e Maria Marrafa),
 fot. Paulo Nuno Silva.

sempre acabou por poder ser integralmente cumprido. Veja-se, por exemplo, como Jorge Silva Melo vê publicadas na Cotovia as peças *António, um rapaz de Lisboa* (1995) e *O fim, ou tende misericórdia de nós* (1997), mas já *Prometeu: rascunhos* (nas suas diversas formalizações textuais) acabou impresso nas edições Et etc. em 1997. É o caso também de Luísa Costa Gomes, que tem na Cotovia *Nunca nada de ninguém* (1991) e *Clamor* (1994), mas foi na Relógio d'Água que fez sair *Duas comédias: Um filho*, seguido de *A vingança de Antero, ou a boda deslumbrante* (1996).

Nessa diversificação de autores dramáticos que a Cotovia promove é de anotar um alargado leque de "origens" artísticas e de proveniências geracionais. Temos, assim, autores que vêm de outras escritas, como é o caso da ficção narrativa, de que destacaria Luísa Costa Gomes, enquanto outros vêm de experiências mais alargadas da ensaística ou da vivência e criação no teatro, como é o caso de Eduarda Dionísio ou de Jorge Silva Melo. Dos que fizeram a sua "aprendizagem" artística no teatro e que, com mais persistência, vão criando o seu universo dramaturgicamente muito próprio, citaria Abel Neves (que se iniciara como dramaturgista na Comuna) e de que é possível referir alguns excelentes textos para teatro (como *Inter-rail*, 1999, ou *Além as estrelas são a nossa casa*, 1999) e Carlos J. Pessoa que, na direcção da companhia Teatro da Garagem, vem trabalhando texto e cena em projectos muito específicos, num contexto de colectivo – a companhia que dirige – fundando, assim, uma estética que engloba texto e modo de entender e fazer teatro. Apesar de termos acesso aos seus textos mais recentes através das edições promovidas pela própria companhia, só um volume surgiu na Cotovia, embora "recheado" de propostas dramáticas: refiro-me a *Pentateuco: Manual de sobrevivência para o ano 2000* (1998), que reúne cinco peças: *O homem que ressuscitou*, *Desertos*, *Peregrinação*, *Escrita da água* e *A menina que foi avó*. Sendo, naturalmente, textos interessantes, fica-se por vezes com

a ideia de que o autor, com uma mais apurada decantação, talvez produzisse menos textos que sairiam decerto com uma maior solidez dramática e teatral.

É de destacar o lugar aos (mais) novos que se observa na integração nesta colecção de textos, por exemplo, de Luís Assis (*Uma casa na árvore*, seguido de *Entre a espada e a a parede*, 1999), de frágil valor literário ou teatral, ou de Jacinto Lucas Pires, este com quatro volumes que já conheceram a materialização cénica: *Universos e frigoríficos* (1997), *Arranha-céus* (1999), *Escrever, falar* (2002) e *Figurantes*⁴ (2004). De resto, são já mais de 20 as produções teatrais que se fizeram sobre peças de Jacinto Lucas Pires, como nos indica a CETbase (<http://www.fl.ul.pt/CETbase/default.htm>), mas foram duas das últimas atrás citadas (de 99 e 04) que mereceram a atenção criativa de Ricardo Pais no Teatro Nacional São João. Todavia, nem sempre a idade só por si assegura a "novidade" da escrita ou a relevância e acuidade da temática trabalhada e, de facto, alguns destes títulos podem em parte resultar de processamentos textuais pouco marcantes no que se pode exigir de uma verdadeiramente "nova" dramaturgia.

É evidente que também não é pelo facto de se frequentarem bastidores, participar na montagem de peças ou ser frequentador assíduo de teatro que fica assegurado o valor artístico de uma escrita para a cena. Luísa Costa Gomes não é "mulher de teatro" e, entre várias outras, dá-nos pela Cotovia uma peça magnífica na construção dramaturgicamente, nos processos de caracterização irónica da vida de hoje, na fabricação de diálogos, na inteligência e verve com que trabalha o seu universo, como exemplarmente se verifica em *Nunca nada de ninguém* (Cf. Pereira 2007).

Depois temos outro tipo de surpresas (embora talvez só para quem andasse distraído...), como o belíssimo texto de Eduarda Dionísio, *Antes que a noite venha* (1992), uma sequência de falas de heroínas trágicas: Julieta, Antígona, Inês de Castro e Medeia. Independentemente do que

⁴ O volume integra ainda duas outras peças do autor: *Coimbra Be e Os dias de hoje*.

parece ser o contexto insólito que a autora propõe para a proferição destas falas (denegando tratar-se de uma peça de teatro e entregando-as a eventuais prostitutas que se preparam para "a noite"), a verdade é que o texto constrói lugares dramáticos a partir dos quais ouvimos lamentos poéticos sublimes que reflectem sobre a condição da mulher (e a (im)possibilidade do amor) nas suas diversas idades e em tempos de um poder patricarcal que impõe o interesse de Estado contra o amor que as devora.

Uma outra experimentação textual, mais complicada na sua construção dramaturgica, resultou do trabalho cénico que Ricardo Pais fez a partir da peça *Madame*, de Maria Velho da Costa, que surge inicialmente publicada em 1999 pela parceria Dom Quixote Et SPA mas que, pela invenção cénica por que passou, deu origem a uma nova publicação de texto revisto e aumentado (Cf. Seródio 2002). A nova edição surge integrada numa colecção de formato muito peculiar que o Teatro Nacional São João criara em parceria com a Cotovia e que, entre 1996 e 2000, publicou muitos dos textos representados naquele teatro. A partir do que teria sido o desejo de encontro de duas celebradas actrizes – uma portuguesa e uma brasileira⁵ –, eis que se constrói um mundo dramático que reorganiza universos ficcionais de Eça de Queirós (*Os Maias*) e de Machado de Assis (*Dom Casmurro*) para os "posterizar", ou seja, inventando tempos futuros em que as personagens femininas – Maria Eduarda e Capitu, respectivamente – se encontrarão algures em Paris muito depois do fim da acção dos romances originais. Mais do que oportuna, portanto, esta edição de reescrita (brilhante, de resto) configura um caso invulgar e curiosíssimo no mundo das publicações de teatro mais recentes, e desafia a reflectir sobre questões não apenas filológicas (de comparação textual e cumulação de hipóteses), mas também especificamente dramaturgicas e de consequências (e causas) teatrais que vão seguramente muito para além da enenação a que assistimos em Abril de 2000.

Uma outra autora, essa de radicação explícita ao teatro – Cucha Carvalheiro – dá-nos também uma interessante peça – *Está aí alguém?: Seis personagens para uma actriz* (1999) – a partir de textos diversos, mas acabando por criar uma curiosa e animada sequência de quadros que ela própria protagonizou monologando de forma cativante e competente sob a direcção de Natália Luiza.

Se a colecção de teatro da Cotovia vem revelando valores teatrais tão seguros e interessantes, não pode deixar, por um lado, de provar que a editora vem fazendo uma aposta corajosa na escrita de teatro amplamente legitimada pelos resultados, e, por outro, de convocar uma reflexão sobre modos de aceder a – ou de inventar – uma formulação artística que é (ou tem sido) muitas vezes descartada como não significativa na tradição da escrita em Portugal (Cf. Rebello 2000: 11-15; Seródio 2004: 97-100), o que

parece ser contrariado pelo valor de alguns dos títulos que a editora lançou.

Não podendo em tão breve espaço dar conta da multiplicidade de títulos, problemáticas e valores que podemos identificar neste expressivo panorama editorial que os Livros Cotovia inventaram para o teatro que se escreve, lê, traduz e encena em Portugal, não posso deixar de assinalar o que – numa preferência pessoal assumida – considero ter sido o momento de revelação de que a dramaturgia portuguesa entrava numa outra época pelo rompimento que praticava nas formas mais convencionais com que se escrevia para a cena: localizo, de facto, em 1995, com a publicação de *António, um rapaz de Lisboa*, seguido por *O fim, ou tende misericórdia de nós*, em 1997⁶ (e, já em 2001, *O navio dos negros*, sobre motivos de Herman Melville – *Benito Cereno*), uma vigorosa reinvenção da escrita dramática de que participarão, em graus e modos diversos, alguns outros textos aqui citados. Mas este é o calendário que, a meu ver, iniciou não apenas uma nova forma de escrever, mas uma formulação trágica de expressiva e actualíssima confrontação política, como em vários outros lugares tive oportunidade de fundamentar (cf. Seródio 1999, 2006).

É, por todas estas razões, justíssima a distinção que o júri da APCT atribuiu aos Livros Cotovia, provado como está um tão fecundo incitamento à renovação da escrita teatral entre nós.

Referências bibliográficas

- JUSTO, José Justo (2005), "A 'distância' ao nosso alcance", *Sinais de cena* (APCT / CET), n.º 3, Junho pp. 115-118.
- PEREIRA, Vanessa Silva (2007), "As mulheres (in)visíveis de Luísa Costa Gomes", *Sinais de cena* (APCT / CET), n.º 7, Junho, pp. 59-61.
- REBELLO, Luiz Francisco (2000), *Breve história do teatro português*. 5.ª ed. rev. e actualizada, Mem Martins, Publicações Europa-América.
- SERÓDIO, Maria Helena (1999), "Meditação sobre a cidade: O teatro segundo Jorge Silva Melo", *Letras. Sinais (para David Mourão Ferreira, Margarida Vieira Mendes e Osório Mateus)*, Org. Cristina Almeida Ribeiro et al., Lisboa, Cosmos Et Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 461-174.
- (2002), "A palavra em cena: Algumas notas sobre Maria Velho da Costa e Eduarda Dionísio", *Cadernos de literatura comparada 3 / 4: Corpo e identidades*, Org. Ana Luísa Amaral, Marinela Freitas, Paulo Eduardo Carvalho, Porto, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa.
- (2004), "Dramaturgia", in *Literatura portuguesa do século XX*, Org. Fernando J. B. Martinho, Lisboa, Instituto Camões, pp. 95-142.
- (2006), "Performing memory on stage: A reading of Jorge Silva Melo's play and performance *Prometheus*", *Literature and Memory: Theoretical Paradigms, Genres, Functions*, Eds. Ansgar Nünning, Marion Gymnich, Roy Sommer, Tübingen, Francke Verlag, pp. 223-231.

⁵ Inicialmente previra-se que fossem Eunice Muñoz e Fernanda Montenegro a contracenarem, mas, por impossibilidade de agenda da actriz brasileira, entretanto envolvida na filmagem de *Central do Brasil* (filme realizado por Walter Salles Júnior), a presença brasileira acabou por ser assegurada por Eva Wilma.

⁶ A que se poderá acrescentar ainda o(s) texto(s) *Prometeu: Rasconhos*, saido(s) a lume na Et etc. em 1997.